

A SOCIEDADE MUITO SECRETA *de Feiticeiras* INVULGARES



FINALISTA DO
PRÊMIO GOODREADS
PARA MELHOR FANTASIA

TOP
SELER

SANGU MANDANNA

*Ao Steve,
porque já estava mais do que na hora de te dedicar um destes.*

CAPÍTULO 1

A Sociedade Muito Secreta de Feiticeiras reunia-se na terceira quinta-feira do mês, de três em três meses, mas essa era praticamente a única coisa que nunca mudava. Nunca se encontravam duas vezes no mesmo sítio; a última reunião, por exemplo, tivera lugar na sala de Belinda Nkala e incluía scones acabados de fazer, e a anterior a essa ocorrera sob a gloriosa luz do sol no jardim de Agatha Jones. *Esta* reunião, numa tarde fria e chuvosa de outubro, decorria num minúsculo cais abandonado nas Hébridas Exteriores.

Um cais. Nas Hébridas Exteriores. Em *outubro*.

Evidentemente, não se chamavam Sociedade Muito Secreta de Feiticeiras. Não tinham nome sequer, e foi por isso que Mika Moon decidira inventar-lhes um. Contemplara várias alternativas primeiro, como Liga de Feiticeiras Extraordinárias e Sociedade Supersecreta de Bruxas Feiticeiras. Continuava a gostar muito desta última opção.

Os nomes ridículos serviam principalmente para aborrecer Primrose, a idosa e muito respeitável líder do grupo, posição que provavelmente Primrose concedera a si mesma, a dada altura, nos últimos cem anos ou assim. (Isto pode tratar-se de um exagero da parte de Mika, mas era impossível saber a verdadeira idade de Primrose. Ela não queria dizer.)

Agora, o mais profundamente possível enfiada no casaco, Mika baloiçava-se com impaciência sobre a ponta dos pés enquanto vinte feiticeiras se juntavam a si no cais. Esta, pensava ela, era outra coisa que quase nunca mudava: o seu número. Mika era uma das presenças mais recentes na coisa-que-decididamente-não-era-uma-sociedade e *fazia* parte dela há quase dez anos, o que significava que não recebiam uma pessoa nova há bastante tempo. Isto não queria dizer que houvesse apenas vinte e uma feiticeiras adultas em toda a Grã-Bretanha; as feiticeiras eram raras, certamente, mas Mika sabia que haveria outras. Primrose, que atribuía a si o dever de encontrar e convidar novas feiticeiras para a não sociedade, mencionara que, ao longo dos anos, alguns convites seus tinham sido rejeitados.

Mika não acreditava que alguém fosse capaz de resistir à persuasão de Primrose (uma pessoa cruel poderia dizer que se tratava de uma intimidação elegante), mas, ainda assim, era bastante reconfortante saber que este pequeno grupo encharcado que se encontrava agora no cais não era tudo o que restava.

Não que o seu número fosse importante. Estas reuniões eram a única oportunidade que tinham para falarem umas com as outras. Primrose Beatrice Everly jamais sonharia dizer a alguém como viver a sua vida (segundo ela), porém, tinha a firme convicção de que as Normas as manteriam seguras e, por isso, essas Normas deviam mesmo ser cumpridas. Demasiada magia não controlada no mesmo lugar, dizia ela, chamaria a atenção. Para o bem de todas, deviam ter vidas separadas. Não podia haver contacto entre nenhuma delas, nem visitas, mensagens ou e-mails — enfim, nada que permitisse relacionar uma feiticeira a outra.

(Primrose, naturalmente, era uma exceção às Normas. Mika supunha que este era apenas um dos muitos privilégios de ser a mais velha, mais poderosa e mais autoritária.)

Consequentemente, qualquer espírito de comunidade e afinidade do grupo devia reduzir-se a estas breves horas de três em

três meses, tornando-o um espírito de comunidade bastante vago, na verdade.

Com a chuva a pingar continuamente do céu gelado, cinzento e turvo, Primrose aclarou a voz.

— Como estamos, queridas?

— Molhadas. — Mika não resistiu a salientar.

— O teu contributo ficou registado, obrigada, minha querida — disse Primrose, impassível.

— Estamos a fingir que somos um clube de leitura, Primrose — respondeu Mika. — Não precisamos de nos esconder no meio do nada! Porque não podíamos simplesmente encontrar-nos para tomar uma porcaria de um café num sítio qualquer com aquecimento central?

— Pessoalmente, acho que a nossa segurança é mais importante do que o nosso conforto — retorquiu Primrose, atacando de seguida. — Mas, considerando a forma estranha como passas o teu tempo, querida, não fico minimamente surpreendida por saber que não sentes o mesmo.

Mika suspirou. Caíra que nem um patinho.

Aos 31 anos, era uma feiticeira bastante jovem num grupo com membros maioritariamente mais velhos. Embora não tivesse propriamente uma tabela à mão com a idade de cada feiticeira, estava bastante certa de que ela, Hilda Kim e Sophie Clarke eram as únicas com menos de 40 anos, por isso, talvez devesse sentir-se muito mais intimidada por Primrose do que realmente se sentia. Mas a verdade é que conhecia Primrose muito melhor do que a maioria das outras feiticeiras, e desde que Mika se lembrava que ela e Primrose tinham uma relação instável.

O problema, na verdade, era que as feiticeiras eram sempre órfãs. De acordo com Primrose, isto devia-se a um feitiço que corra mal em tempos idos. Mika tinha a certeza de que esta história era fruto da imaginação de Primrose, mas também não tinha uma

explicação melhor, uma vez que o facto continuava a verificar-se: pouco depois de uma feiticeira nascer, ficava órfã. Não importava em que sítio do mundo nascia, e a causa da morte podia ser qualquer coisa desde uma doença inofensiva a um acidente quotidiano, mas era inevitável. Depois, algumas feiticeiras eram criadas pelos avós ou outros familiares, e, com o tempo, vinham a descobrir a existência da sua magia. Apesar de tudo, assumindo que não eram catastroficamente imprudentes com os seus feitiços, chegavam a ter vidas bastante normais.

Mas algumas feiticeiras, como Mika, eram filhas de outras feiticeiras. E algumas dessas feiticeiras, como Mika, eram também *netas* de outras feiticeiras. Era invulgar, certamente; a maioria das feiticeiras, demasiado cientes do machado sobre a sua cabeça, optavam por não ter filhos, embora, por vezes, acontecesse.

E assim, quando Mika Moon, filha órfã de uma filha órfã de uma filha órfã, ficou ao cuidado de uma assistente social sobrecarregada, na Índia, no início dos anos 90, Primrose encontrou-a, levou-a para Inglaterra e deu-lhe um lar perfeitamente digno e acolhedor, com amas perfeitamente dignas e acolhedoras.

Mika não recordava nada disto, claro, mas lembrava-se de ter crescido sob o cuidado de amas e preceptores de todos os géneros, etnias e temperamentos, sendo-lhes apenas permitido ficar tempo suficiente até vislumbrarem alguma coisa mágica (o que não demorava muito) e serem substituídos. Portanto, Mika lembrava-se de ter tido muitas coisas para comer, uma cama confortável e todos os livros que quisesse, mas pouca companhia ou amor.

E lembrava-se de Primrose, que a visitava de vez em quando, geralmente para contratar um novo preceptor ou para recordar as Normas a Mika. Os sentimentos de Mika em relação a Primrose eram, portanto, contraditórios. Primrose mantivera-a segura, e, por isso, estava-lhe grata, mas também se ressentia com o facto de ter uma figura tão inconsistente e autocrática na sua vida. Assim que

chegou à idade adulta, as amas e os precetores foram-se embora e Mika recusou a oferta de Primrose para que ficasse. Saiu de casa e, nos últimos treze anos, praticamente, só vira Primrose na terceira quinta-feira do mês, de três em três meses.

Ao mesmo tempo que parecia a Mika nunca ter feito nada que Primrose aprovasse, também não tinha feito nada que Primrose *desaprovasse* particularmente. Pelo menos, até ao ano passado, quando começara a publicar vídeos nas suas redes sociais.

Vídeos de *feiticeira*.

Daí a sua rivalidade atual.

Por agora, Primrose parecia ter deixado passar.

— Alguém tem algum problema? — perguntou ao grupo.

— Está a ser difícil para mim não contar à minha noiva a verdade sobre a minha magia — mencionou Hilda Kim. — Sinto que lhe escondo muito do que sou, e não gosto disso.

— Podes sempre tentar *não* casar — disse Primrose, que sentia ser o dever de todos fazer sacrifícios pelo bem comum. — E enquanto pensas nisso, querida — continuou, com Hilda a abrir e a fechar a boca como se percebesse que era melhor não dizer nada —, há aqui alguém com problemas *a sério*? Algum vizinho curioso a fazer demasiadas perguntas? Alguma manifestação descontrolada de magia?

Por todo o grupo viam-se pessoas a encolher os ombros e a abanar a cabeça. Primrose passou um olhar penetrante por todas as feiticeiras, demorando-se um pouco mais em Mika. Ficava bastante desapontada quando ninguém falava, como se estivesse à espera de poder castigar alguém por ser descuidado.

— Nesse caso — prosseguiu Primrose, com um enorme livro de feitiços materializando-se nas suas mãos —, alguém tem algum feitiço novo que gostasse de partilhar?

Havia alguns: um feitiço para um sono mais descansado, uma poção que coloria temporariamente de cor-de-rosa o pelo de gato

(apenas pelo de gato e apenas cor-de-rosa), um feitiço para encontrar coisas perdidas e um feitiço para fazer desaparecer olheiras instantaneamente. (Ao ouvir este último, Primrose, que guardava os seus feitiços como um dragão guarda ouro, parecia incrivelmente aborrecida por não ter sido capaz de descobri-lo primeiro.)

Quando terminou a parte da reunião relativa aos feitiços, Primrose aclarou a voz.

— Por fim, alguém tem novidades que gostasse de partilhar?

— Não faz mal dizeres que é a hora da fofoca, Primrose — disse Mika alegremente. — Todas sabemos que é o que acontece depois dos feitiços.

— As feiticeiras não *fofocam*. — Primrose torceu o nariz.

Contudo, era nitidamente mentira, porque fofocar foi precisamente o que fizeram a seguir.

— O meu ex-marido quis voltar para mim na semana passada — disse Belinda Nkala, que estava na casa dos 40 e nunca teve paciência para as asneiras de ninguém. — Quando o rejeitei, informou-me de que, aparentemente, eu não era nada sem ele. Depois, foi-se embora — acrescentou calmamente —, mas receio que vá sofrer de uma inexplicável dor nas partes baixas durante umas semanas.

Algumas feiticeiras riram-se, mas Primrose estreitou os lábios.

— E *tu*, Mika, tens feito truques mesquinhos ultimamente?

— Por amor de Deus, Primrose, o que é que eu tenho que ver com isso?

— Não é uma pergunta descabida, minha linda. Tu gostas de correr riscos.

— Pela milionésima vez — disse Mika, incrivelmente irritada —, eu publico vídeos online *a fingir* que sou uma feiticeira. É só uma encenação. — Primrose ergueu as sobrancelhas. Mika imitou o gesto. — Há centenas de pessoas a fazer o mesmo, sabes. A estética das feiticeiras é bastante popular!

— *Witchcore* — disse Hilda, acenando sabiamente. — Não é tão popular como *cottagecore* ou *fairycore*, mas anda lá perto.

Todas ficaram a olhar para ela.

— Não sabia que as fadas existiam! — gritou Agatha Jones, que tinha quase a mesma idade de Primrose e achava que devia levantar a voz ao falar com jovens, receando que não percebessem o significado das suas afirmações. — O que irão inventar a seguir?

— Vês, Primrose? — disse Mika, ignorando esta interrupção. — As pessoas identificam-se como feiticeiras a toda a hora. Não estou a pôr-me em risco, nem a ti, nem a ninguém. Ninguém que veja os meus vídeos acha que sou *realmente* uma feiticeira.

Infelizmente para Mika, nesse preciso momento, a mais de oitocentos quilómetros de distância, num casarão situado num recanto sossegado e ventoso da região rural de Norfolk, um velhote magricela com um magnífico cachecol com as cores do arco-íris e enormes chinelos felpudos dizia exatamente o contrário.

— Nem pensar!

Quem se manifestou foi Jamie, o bibliotecário mal-humorado, que, na verdade, não era o velhote magricela de cachecol e chinelos. Esse era Ian. E a terceira pessoa na biblioteca era Lucie, a governanta, uma mulher rechonchuda, de rosto redondo, na casa dos 50, que suspirou como se soubesse exatamente o rumo da discussão. (Sabia, e tinha razão.)

Ian alisou a ponta do cachecol e respondeu, com uma voz grave que encantara o público em inúmeros pequenos teatros durante os seus 80 e poucos anos:

— Não compliques, querido. Não te fica bem.

Jamie mostrou-se indiferente à crítica.

— Não podes estar a considerar seriamente trazer *aquilo* — e espetou um dedo no rosto brilhante e viçoso que aparecia no ecrã do telemóvel de Ian — cá para casa?

— Porque não? — perguntou Ian.

— Bem, para começar, é impossível que ela seja uma feiticeira a sério — disse Jamie, irritado. Era normal. A maioria das coisas que Jamie dizia era com irritação. — Que tipo de feiticeira ostentaria a sua magia numa plataforma com milhões de visualizações?

Mika ficaria extremamente satisfeita ao ouvir isto, se ali estivesse, mas parecia que o seu *bluff* duplo não enganara Ian.

— Ela é uma feiticeira a sério — insistiu.

— Como raio podes saber isso?

— Tenho excelentes capacidades de observação. Vê só uma parte do vídeo. — Ian abanou o telefone como se estivesse a agitar um chupa-chupa à frente de uma criança. — Um minuto. É só o que te peço.

O olhar de Jamie permaneceu firme, porém, cruzou os braços sobre o peito e encostou-se para trás na secretária para poder ver sobre o ombro de Ian. Satisfeito, Ian tocou no ecrã e o vídeo começou a ser reproduzido.

A mulher no ecrã parecia ter 20 e muitos anos, e era bonita como são a maioria das pessoas de olhos brilhantes e sorrisos alegres. Jamie semicerrou os olhos, tentando perceber o que chamara a atenção de Ian. Não havia nada na mulher que parecesse fora do vulgar. O seu cabelo era castanho muito escuro, longo e levemente ondulado, e dava-lhe pelos ombros nus. Olhos castanhos, grandes como os de uma corça e emoldurados por espessas pestanas pretas, piscavam alegremente num rosto viçoso polvilhado com uma espécie de pó cintilante, talvez para dar a ideia de que viera de outro mundo. Obviamente, não era branca, mas era difícil determinar a sua etnia: a sua pele tinha uma *qualidade* aveludada, morena e dourada, mas talvez fosse das purpurinas. O nome no canto superior do vídeo, @MikaMoon, também não oferecia respostas.

— O segredo — dizia ela, com um sorriso maroto — é colher o luar exatamente dois minutos depois da meia-noite. — O seu

sotaque era inglês, mas era difícil associá-lo a uma zona específica do país. Ergueu uma taça de líquido prateado. — Retirem uma pequena colher do luar colhido — continuou, mexendo a substância prateada com uma colher de vidro que tilintava agradavelmente contra as paredes da taça — e adicionem-na ao vosso caldeirão.

Enquanto vertia uma colher do suposto luar para dentro de um caldeirão, pequenas faíscas subiam do seu interior, dançando no ar como pirilampus, até desaparecerem.

— E pronto! — disse triunfalmente. — A poção perfeita para um coração partido.

Ian pôs o vídeo em pausa. Jamie olhou para ele, confuso.

— Era suposto ficar impressionado com os efeitos especiais que ela adicionou ao caldeirão? Ou os disparates sobre um coração partido?

Ian riu-se.

— O caldeirão? Não, não estou interessado no caldeirão. É *ela* que me interessa. Não vês? Está praticamente *a brilhar* de magia.

Nisto, Lucie falou pela primeira vez.

— Estás a usar a tua voz de palco, querido — disse sensatamente, acariciando a mão de Ian. — Isso nunca funciona com o Jamie. Mas — acrescentou, desta vez dirigindo-se a Jamie — acho que devíamos ouvir o Ian. Tu sabes que ele tem jeito para estas coisas. Se ele diz que é uma feiticeira, provavelmente tem razão.

— Estás a ver? — disse Ian, satisfeito consigo mesmo. — Ela seria perfeita!

— Ian! — Jamie mostrou-se incrédulo. — Mesmo *que* seja uma feiticeira, a cara dela está por toda a Internet! O risco...

Revirando os olhos de forma tão dramática até praticamente desaparecerem, Ian disse:

— Ela tem catorze mil seguidores. *Eu* sou mais famoso do que isso, mas a *minha* presença não parece incomodar-te. Obviamente — acrescentou rapidamente, antes de Jamie aproveitar

a oportunidade para o informar do contrário —, iremos deixar bastante claro que, caso ela venha para ficar, nem a Casa de Nenhures nem as miúdas podem aparecer nos seus vídeos de maneira nenhuma.

— E o que te faz pensar que esta fada da floresta *quererá* sequer estar envolvida?

— Não vamos saber até perguntarmos.

Lucie levantou-se, visivelmente saturada.

— A única forma de resolver isto é com uma votação — disse. Ian encolheu os ombros.

— Para isso, precisamos do meu marido, não é?

— O Ken já deve ter posto as miúdas na cama — disse Lucie. — Eu vou chamá-lo.

— Eu é que vou desempatar — lembrou Jamie.

— O que só faz sentido se houver um empate, querido — disse Ian.

Ao sair, Lucie fechou a porta da biblioteca com estrondo. Rangendo os dentes, Jamie começou a andar furiosamente de um lado para o outro entre as estantes de madeira, arrumando os livros nos seus devidos lugares. A biblioteca da Casa de Nenhures fora construída como uma extensão à casa principal há cerca de cinquenta anos e era linda, com enormes janelas e uma escadaria em espiral que conduzia ao segundo andar, abarrotando de livros, manuscritos e globos. Numa das fachadas, as janelas tinham vista para o mar sob as dunas e, na outra, podiam ver-se as árvores, o baloiço e a alfazema do jardim da frente.

Era, de longe, o sítio favorito de Jamie em todo o mundo, mas, naquele momento, não conseguia apreciá-lo. Estava demasiado ocupado a imaginar os seus segredos a serem revelados e as suas vidas a desmoronarem-se.

Quando regressou à entrada da biblioteca, Ian estava exatamente onde o deixara, vendo novamente o vídeo.

— Gostava que visses o que eu vejo — disse Ian, um pouco melancólico. — Há tanta magia à sua volta, é como se estivesse a arder. Como as miúdas.

Jamie adorava Ian profundamente, mas, caramba, era como se o homem tivesse acabado de sair de um livro de poesia e ninguém tivesse tido o bom senso de o enviar de volta para lá.

— Como nenhuma das miúdas me parece estar a arder, Ian — respondeu ele, com alguma acidez —, isso não ajuda muito. E, como eu disse, não interessa se ela é uma feiticeira. É um risco demasiado grande trazer outra pessoa cá para casa.

Ian pousou a mão sobre a de Jamie e apertou-a.

— Não temos mais ideias, James. Estamos a ficar sem tempo.

— O Edward vai...

— Não é só o Edward — interrompeu-o Ian. — Sem dúvida, ele é o nosso maior problema neste momento, mas também estou a pensar no que vem depois. A seguir. Trata-se também da vida das miúdas. A Lillian, Deus a abençoe, estragou isto tudo completamente. Será esta a vida que queremos para aquelas crianças lindas e maravilhosas? Elas não podem ir à escola. Quase nunca saem da Casa de Nenhures. Só se têm umas às outras.

— E a nós.

— E a nós. — Por um momento, o brilho constante no olhar de Ian desapareceu. Apontou para uma fotografia encostada a uma pilha de livros sobre a secretária de Jamie. — Olha para nós. Mesmo com a melhor das intenções, não podemos dar às miúdas tudo aquilo de que precisam. Eu tenho 82 anos. Sei o que é ter de esconder quem sou. Sei o que é viver à margem da sociedade. As miúdas podem ter de manter uma parte da sua identidade em segredo, mas quero que possam conhecer o mundo e *viver*. Elas precisam de alguém que saiba o que isso é, que seja como elas e sinta o que elas sentem e possa mostrar-lhes como viver a sua vida de forma corajosa e segura.

— Eu sei disso — disse Jamie, bruscamente. — Eu *sei*, Ian. Mas isso pode esperar até *depois* do Edward. E contar com a ajuda desta hipotética feiticeira é um grande risco. Não estou certo de que valha a pena.

— A não ser que tenhas uma ideia melhor, é uma oportunidade que *não* podemos dar-nos ao luxo de perder.

Quando Lucie regressou à biblioteca com Ken a reboque, a votação já não era necessária. A única coisa que faltava decidir era como convencer Mika Moon a vir à Casa de Nenhures. (Ian queria enviar-lhe uma mensagem que começava com as palavras *FEITICEIRA PRECISA-SE*. Ele sentia que definia exatamente o tom certo. Os outros discordavam.)

Enquanto isso, na Escócia, Mika continuava a tiritar num caos chuvoso, não fazendo a mínima ideia da força demolidora que se encaminhava na sua direção.

CAPÍTULO 2

PROCURA-SE FEITICEIRA.

Duas semanas mais tarde, estas palavras eram responsáveis por Mika estar a bater nervosamente com os dedos no volante do *Vassoura*, o seu fiel carro de tom amarelo-manteiga. Acabara de passar a tabuleta de boas-vindas a Norfolk, uma zona do país aonde não ia desde os dois anos que passara a estudar na Universidade de East Anglia, e o GPS pendurado no canto inferior do seu para-brisas informava-a de que ainda lhe faltava uma hora de caminho.

PROCURA-SE FEITICEIRA. Procura-se precetora residente para três bruxinhas. Deve ter nervos de aço. Não é necessária experiência prévia de ensino. Feitiçaria é essencial.

Na verdade, catorze mil seguidores não eram assim tantos, porém, eram os suficientes para garantir que todos os dias as contas das redes sociais de Mika tinham uma série de novas mensagens estranhas, intrusivas ou inequivocamente ofensivas. Olhando apenas para um apanhado da sua caixa de entrada, com as pré-visualizações de cada mensagem, sabia dizer quais valiam a pena ser lidas e quais não.

Uma mensagem que começava com as palavras *PROCURA-SE FEITICEIRA*, apresentada assim com todas as letras maiúsculas como se anunciasse o nascimento de mais um bebé real, devia ter

ido diretamente para o lixo. Até clicar na mensagem por pura curiosidade, Mika imaginava que seria alguma espécie de convite para uma sessão de sexo picante assinada por alguém com um fetiche por feiticeiras.

Imagine-se a sua surpresa, pois, ao descobrir que, de facto, se tratava de algo ainda mais bizarro.

Deu por si relutantemente divertida. Ignorando o seu bom senso, respondeu.

Nota máxima pela criatividade, mas, infelizmente, os meus nervos são feitos de *marshmallow*.

Na verdade, dizia a resposta quase imediata, **estamos tão desesperados que aceitamos os seus nervos em qualquer estado.**

Nesse momento, antes de Mika poder gozar com a situação ou sair da *app*, ou fazer qualquer outra coisa que poderia sentir-se tentada a fazer, apareceu uma nova mensagem. Resumia-se a duas palavras.

Por favor.

E foi assim que, após fazer muito mais perguntas e receber poucas respostas, Mika deu por si a conduzir desde o seu apartamento em Brighton até um local com o nome sinistro de Casa de Nenhures.

Tudo porque alguém na Internet era bem-educado.

Isso e também o facto de o seu último emprego ter terminado em setembro, o arrendamento de seis meses do seu apartamento estar prestes a chegar ao fim e, por muito improvável que esta oferta lhe pudesse parecer real, legítima e nada suspeita, Mika precisava de um novo lugar para viver, assim como de um novo trabalho remunerado.

E também, talvez, apenas talvez, porque a magia, essa música que jamais a abandonava, lhe tinha dado um empurrãozinho.

— Daqui a um quilómetro e meio, virar à esquerda — disse o GPS.

Abandonara já as estradas grandes e movimentadas, e estava agora numa estrada secundária que atravessava pequenas vilas e aldeias salpicadas por *pubs*, escolas e casas antigas, cada local com um nome pitoresco e tipicamente inglês, como Catfield ou Hickling. Rapidamente, até estas iam desaparecendo, deixando para trás os riachos e lagos de Norfolk Broads, campos intermináveis salpicados por ovelhas, vacas e cavalos, começando a surgir, no horizonte, dunas cobertas de urze ao longo da costa. Era quase improvavelmente perfeito, um mundo idílico coberto com as pinceladas douradas e suaves do sol de novembro.

Conforme o *Vassoura* se ia aproximando do ponto no mapa que assinalava a misteriosa Casa de Nenhures, os campos de cultivo iam dando lugar a graciosos bosques, com árvores altas e maioritariamente despidas, e mantos de folhas amarelas cobrindo ambos os lados da estrada.

— Chegou ao seu destino.

Mika abrandou a marcha, fazendo uma careta. Só via árvores, folhas e a estrada. Teria sido enganada? Estaria prestes a ser assassinada no bosque como todas as donzelas ingênuas dos filmes de terror? Manifestou impaciência.

Voltou a verificar as últimas mensagens do seu misterioso convocador.

Pode ter alguma dificuldade em encontrar a casa. Procure com atenção.

Muito bem.

Após garantir que não havia carros atrás de si, fez lentamente marcha-atrás, espreitando por todas as janelas para ter a certeza de que não lhe escapara nada ao longo da estrada.

Ali. Afinal, alguma coisa lhe tinha *escapado*: um par de simples portões de ferro entre sebes meio ocultas pelas árvores. Através dos portões, conseguia ver um caminho de entrada empedrado e estreito que passava por um celeiro e uma pequena casa,

culminando diante de um casarão de telhado triangular que se destacava num infinito céu azul-claro.

Mika virou à direita, conduzindo muito lentamente o *Vassoura* pela entrada, atenta à suposta existência de três crianças, qualquer uma das quais certamente passível de atravessar a estrada a correr a qualquer altura. Porém, assim que atravessou o portão, sentiu uma inconfundível crepitação no ar à sua volta.

Magia.

Impossível. Ou não?

Inquieta, Mika perguntou-se se seria demasiado tarde para dar meia-volta com o carro e fugir. Olhou atentamente para o casarão ao fundo da entrada, mas, antes de conseguir tomar uma decisão, reparou que estava ao lado do celeiro e da pequena casa. Havia alguém a acenar-lhe freneticamente da janela da frente.

Chegando o *Vassoura* o mais possível para o lado esquerdo do caminho de acesso sem bater contra o pequeno muro de pedra que rodeava a casa, Mika desligou o motor e saiu nervosamente do carro. A casa era adorável: uma minúscula casinha perfeita saída de um conto de fadas, com uma porta pintada de vermelho-vivo, um telhado de colmo e um pequeno jardim primorosamente bem cuidado a rodear uma entrada com grandes lajes. Havia uma pequena horta num canto do jardim, com meia dúzia de abóboras perfeitamente maduras à espera de serem colhidas, onde Mika viu um velhote ajoelhado.

Assim que Mika começou a andar, ele levantou-se, semicerando os olhos por causa do sol. Era careca, japonês, na casa dos 70, vestido com umas calças de ganga e uma camisola às riscas com um avental por cima, ombros largos ligeiramente curvados pela idade e um sorriso caloroso que tornava impossível não sorrir de volta.

— Deves ser a Mika — disse ele, tirando o avental e limpando as mãos antes de lhe estender a mão direita. — Bem-vinda.

— Obrigada — disse Mika, apertando-lhe a mão. Era calejada, basicamente a mão de um homem dedicado à jardinagem. — É o Ian?

A pergunta fê-lo rir-se. Antes de poder responder, a porta de entrada da casa escancarou-se e um furacão de chinelos felpudos rodopiou porta fora.

— *Aquele* é o Ian — disse o homem, dando-lhe palmadinhas no ombro, que ela interpretou como solidárias. — Boa sorte.

O ciclone acabou por se revelar um velho homem branco tão exuberantemente enérgico que Mika ficou exausta só de olhar para ele. Era alto e magricela, com um tufo de cabelo branco, olhos azuis cintilantes e um cachecol às riscas da cor do arco-íris em volta do seu longo pescoço. Entre o cachecol e os chinelos felpudos, inesperadamente, estavam um par de calças pretas bastante vulgares e uma camisola preta.

— Ian Kubo-Hawthorn, ao teu dispor — disse o ciclone, sorrindo enquanto envolvia Mika num abraço que quase lhe esmagava os ossos. A sua voz era grave e musical, apresentando um tipo de nitidez que ela associava aos intérpretes de Shakespeare e aos apresentadores da BBC. — Talvez tenhas ouvido falar de mim?

— Ian — disse o outro homem.

— Tens razão, claro, querido — disse Ian imediatamente, as palavras saindo disparadas à velocidade da luz. — Agora não é boa altura. Vejo que já conheces o Ken — continuou, dirigindo-se a Mika e espetando o polegar na direção do outro homem. — Sou o marido dele. Ou ele é o meu marido. Não sei bem como funciona.

— Acho que das duas maneiras — disse Mika.

— Eu e o Ian vivemos aqui, nesta casa — disse Ken, a sua voz calma e suave contrastando com a de Ian de forma quase cómica.

— Proporciona-nos alguma privacidade — disse Ian, piscando o olho. — Não tínhamos nenhuma na casa principal, posso garantir. Mas, *Mika* — acrescentou rapidamente, como se acabasse de lhe ocorrer que devia tornar a casa apelativa para ela —, tu terás privacidade suficiente na casa principal, caso decidas ficar connosco.

Mika olhou para os dois estoicamente, tentando reprimir um sorriso, e disse, com toda a firmeza:

— Receio que vou precisar de algumas respostas antes de decidir *alguma coisa*. Vocês foram incrivelmente misteriosos nos vossos e-mails. Deliberadamente, parece-me.

— Há certas coisas que não devemos deixar por escrito — disse Ian, descaradamente. Viam-se as suas rugas no canto dos olhos. — Mas estamos muito gratos que tenhas feito este caminho todo só para conversar connosco, minha querida. Não imaginas como precisamos de ti.

— Precisam mesmo de um preceptor residente?

— Precisamos. — Ken respondeu à pergunta, antecipando-se a Ian, possivelmente (e corretamente) suspeitando que seria mais provável Mika acreditar em si. — Vem connosco até à casa principal e perceberás porquê. — Pousou o avental sobre o muro de pedra e encaminhou-a na direção do casarão.

— Posso estacionar aqui enquanto estivermos lá dentro?

— Claro, com certeza — disse Ian. — Geralmente, deixamos os carros no celeiro, o que também poderás fazer se decidires ficar, mas, para já, está bem onde o deixaste.

Mika olhou uma vez para trás, para o portão, onde sentira aquela estranha e improvável crepitação de magia. Estaria a imaginar um vislumbre de poeira dourada no ar?

— Mika?

Ela desviou rapidamente o olhar, trancou o *Vassoura* e seguiu os dois homens pelas pedras lisas do caminho de acesso.

Ian espetou o polegar, apontando para as suas costas.

— Alguma coisa no portão te chamou a atenção?

— De todo — disse Mika imediatamente.

— Hum — disse Ian, parecendo achar graça.

Ken virou-se para trás, esperando por ela.

— Sabes alguma coisa sobre a Lillian Nowhere? — perguntou.

— Devia saber? — retorquiu Mika, abanando a cabeça.

— Não, provavelmente não. A Lillian é arqueóloga e dona da Casa de Nenhures.

— Ah, irei conhecê-la?

— Não, a Lillian não está cá de momento — disse Ian. — É habitual. Costuma passar umas semanas em casa, depois, uns meses fora, depois, regressa umas semanas, e assim sucessivamente. Desta vez, está numa escavação na América do Sul. Por isso é que a casa e as crianças estão ao nosso cuidado.

— Do Ian e do Ken? — Mika fez uma careta, achando difícil acreditar que o casal morasse numa pequena casa enquanto as três crianças viviam sozinhas no casarão.

— Nosso, da Lucie e do Jamie — disse Ken. — A Lucie é a governanta e amiga da Lillian há quase trinta anos. O Jamie trabalhava na biblioteca quando as crianças vieram para cá — Ken gesticulou na direção da enorme ala direita da casa —, mas agora é mais ou menos o único pai que têm. Quanto a mim e ao Ian: eu sou jardineiro da Lillian há mais de vinte anos. A Lillian e o Ian conheceram-se numa gala de beneficência quando ele era ator. Ela contratou-me e vendeu-nos aquela casa por uma pechincha.

— Toda esta história é relevante para o que vamos contar-lhe — assegurou Ian a Mika.

Uma arqueóloga ausente, uma governanta, um bibliotecário, um jardineiro, um ator reformado e três feiticeiras improváveis. Em termos de história, esta era uma das mais estranhas que Mika já ouvira.

— Quem *são*, exatamente, estas crianças? — perguntou Mika.
— Quer dizer, que grau de parentesco partilham com vocês?

— Legalmente, foram adotadas pela Lillian — disse Ian, fazendo uma pausa e um esgar de tristeza ao acrescentar —, mas ela está tantas vezes fora que, na verdade, temos sido nós e o Jamie a criá-las.

Enquanto Ken falava, pararam em frente ao casarão. Mika pôde finalmente olhar para o edifício. Tratava-se de uma estrutura antiga com dois andares, telhados triangulares e janelas, paredes de um tom quente de tijolo cinzento-acastanhado cobertas de videiras de hera florida e uma chaminé a fumegar alegremente. De cada lado da porta de entrada, branca e gasta, havia amplas janelas salientes encaixadas em beirais, ambas com empenas como as do segundo andar. E, em frente à casa, estendendo-se da entrada até perder de vista, ficavam os jardins, tão encantadores como o pequeno jardim junto à casa pequena: carvalhos, plantas de alfazema, relva verde acabada de cortar, um baloiço e uma horta rodeada por uma vedação. Parecia, francamente, um pequeno pedaço de paraíso.

— É linda — disse Mika, simplesmente.

— Suficientemente linda para te mudares já?

— Ian.

Mika suprimiu mais um sorriso e manteve-se firme.

— Ainda preciso de respostas. Não me explicaram propriamente porque precisam de mim.

— Vamos entrar — disse Ken, abrindo a porta de entrada.

Mika demorou-se um instante, observando o jardim. A magia junto ao portão não fora imaginação sua. Havia *magia* ali, conseguia senti-la, e não era só pela *sua* presença.

Era impossível três bruxinhas viverem *realmente* juntas, certo?

— Passa-se alguma coisa? — perguntou Ian, baloiçando-se com entusiasmo sobre a ponta dos pés.

Mika evitou responder, fazendo uma pergunta.

— Como é possível que as plantas de alfazema ainda estejam em flor?

Ian pareceu ficar um pouco desapontado, como se esperasse que ela dissesse uma coisa completamente diferente, mas Ken sorriu.

— Infelizmente, isso não tem nada que ver comigo. Neste sítio, irás reparar numa série de excentricidades fora de época.

É porque há muita magia aqui.

Mas não podia dizer isso. Talvez *existissem* realmente feiticeiras. Ou talvez se tratasse de outra coisa qualquer, uma espécie de armadilha gótica perversa concebida para seduzir feiticeiras imprudentes e ingênuas que não sabiam ficar caladas. Seria improvável? Sim. Impossível? Não. De qualquer modo, eis o que ela sabia: ela, Ian e Ken estavam com rodeios, cada um tentando perceber o que os outros sabiam, e ela não podia ser a primeira a ceder.

Por isso, fingiu perder o interesse na alfazema fora de época, mostrou o seu sorriso mais radiante e disse:

— Vamos entrar?

Mika sentira muitas dúvidas em relação à existência das crianças. Geralmente, na Internet, as pessoas não são conhecidas pelo seu apego à verdade, mas o interior da casa apaziguou a maior parte dessas dúvidas. Estava repleta de poltronas alegres, cobertores, plantas e livros. As paredes estavam pintadas de branco-creme, ocasionalmente interrompido pelo rabisco de um lápis de cera ou uma mancha de tinta; os pares de ténis, sapatilhas de *baller* e galochas amontoados desordenadamente no *hall* de entrada variavam de tamanho, desde pré-escolar a adulto; uma das janelas tinha uma mancha que sugeria um nariz de uma criança frequentemente espalmado contra o vidro; e, claro, havia brinquedos por todo o lado.

Notava-se que dava muito trabalho manter a casa limpa e acolhedora. Os radiadores novos retiniam alegremente e havia

uma lareira acesa na gigantesca sala de estar. Almofadas de cores vivas e tapetes confortáveis davam vida aos sofás macios e às poltronas. As escadas, mesas e tábuas do soalho eram feitas de madeira polida e robusta, e havia vasos de plantas em todos os corredores e divisões por onde passavam em direção às traseiras da casa. Finalmente, chegaram a uma cozinha rústica e inundada de luz do sol.

Estavam duas pessoas na cozinha: uma mulher branca, baixa e roliça, na casa dos 50, que Mika presumiu ser Lucie, e um homem branco carrancudo na casa dos 30, que só podia ser Jamie. A mulher, examinando um tabuleiro de ervas aromáticas envasadas com um olhar crítico, virou-se assim que eles entraram, mas o homem permaneceu junto às portas abertas envidraçadas do outro lado da cozinha, com os braços cruzados sobre o peito e o olhar carrancudo virado para o jardim das traseiras.

— Mesmo a tempo! Podes começar a fazer o jantar — disse a mulher a Ian.

— Mika, esta é a Lucie — disse Ian, atravessando a cozinha a passos largos. — Alguém pode pôr a chaleira ao lume enquanto eu preaqueço o forno?

— O Ian é o melhor cozinheiro cá de casa — disse Ken baixinho a Mika. — Mas não lhe digas que eu disse isto. Sobe-lhe logo à cabeça.

Lucie tinha bochechas rosadas, rugas concentradas quase exclusivamente em redor dos olhos, cabelo castanho com raízes grisalhas e o que parecia ser uma tiara de papel malfeita e torta em cima da cabeça. Ligando o interruptor que acionava a chaleira, sorriu calorosamente para Mika.

— É um prazer conhecer-te, Mika — declarou. — Meu Deus, o teu sorriso é ainda mais bonito do que nos vídeos!

— Não é? — disse Ian, de forma tão orgulhosa que quase parecia ter tido mão na criação do sorriso de Mika.

Mika riu-se, depois dirigiu-se ao homem junto às portas envidraçadas.

— Deves ser o Jamie. Olá.

Ele virou-se, os seus ombros esguios movendo-se quase com relutância. Não era tão alto como Ian, por isso, Mika calculou que tivesse cerca de um metro e oitenta, bastante mais alto do que ela. A embaraçosa expressão *irresistivelmente bonito* passou-lhe pela cabeça antes de ela a afastar prontamente. As suas sobrancelhas eram escuras e direitas, o seu rosto, endurecido, traços angulosos, o cabelo era curto e desgrenhado, algures entre o louro escuro e o castanho, tinha uma barba por fazer da mesma tonalidade, e uns inquietantes e perspicazes olhos cinzentos. Considerando o olhar carrancudo, Mika achou absolutamente indelicado da sua parte ser tão bonito.

— Jamie Kelly — disse ele. Tinha uma voz áspera, como se tivesse passado por uma lixa. E haveria ali um toque irlandês? — Olá. — Uma resposta perfeitamente educada, mas não amigável. Nem sequer *ligeiramente* amigável. Não transmitia nenhuma da cordialidade e entusiasmo oferecidos pelos outros.

Mika recusou-se a levar a sua atitude a peito, limitando-se a sorrir.

— Moraste em Belfast?

— Sim. — Não retribuiu o sorriso.

Mika voltou-se novamente para Ken, mais do que pronta para as respostas que lhe tinham sido prometidas.

— Provavelmente, devia mencionar que a única experiência que tive a trabalhar com crianças foi quando tive de extrair uma ervilha da narina de um miúdo num comboio, mas presumo que não seja o tipo de coisa que querem que faça aqui.

— A maior parte da educação das crianças está tratada — explicou Ken. — São educadas em casa. Têm algumas aulas online, mas, em geral, somos nós que as educamos. O Jamie ensina-lhes

inglês e história, o Ian ensina-lhes teatro, culinária e coisas insensatas como trepar às árvores, a Lucie ensina-lhes matemática e eu ensino-lhes japonês, ciências, jardinagem e tudo o mais de que me lembre.

Mika olhava para eles, desconcertada. Parecia tudo extraordinariamente normal.

— Não me parece que falte alguma coisa. Para que precisam de um preceptor residente?

Houve uma pausa, como uma respiração coletiva, e depois Ian disse:

— Para lhes ensinar *magia*, claro.

Talvez não devesse ter ficado surpreendida, uma vez que o seu primeiro contacto expressara muito especificamente a necessidade de uma feiticeira.

— Magia — disse ela, lentamente. — Querem que lhes ensine magia.

— Bem, *és* uma feiticeira, não é verdade? — disse Ian, como se nada fosse mais óbvio. — Elas também. Logo, precisam de ti.

— Isto é alguma espécie de atividade extracurricular em que deixam as pequenas decidirem o que querem ser e depois ensinam-lhes isso? — perguntou Mika. — Então, elas decidiram que querem ser feiticeiras e vocês encontraram alguém que publica vídeos de feitiçaria online para lhes fazer a vontade?

Outro silêncio. Lucie e Ken pareciam hesitantes, enquanto Jamie semicerrou os olhos. Apenas Ian permanecia imperturbável, manifestando alguma impaciência.

— Mika Moon — disse, num tom de avozinho que não deixava dúvidas de estar a ser repreendida de forma gentil e amável. — A tua é uma entre centenas de contas que publicam vídeos de feitiçaria. Eu não quero nenhuma dessas pessoas, que certamente serão adoráveis. Eu quero-te a *ti*. Qual te parece ser o motivo?

— Proximidade?

— A @SilverSpoons vive em Suffolk — disse Ian. — Fica *muito* mais perto do que Brighton. Tem cinquenta e três mil seguidores, comparados com os teus catorze mil. E, ainda assim, como deves ter reparado, não é ela que aqui está.

Um pequeno tremor de inquietação percorreu Mika, embora tivesse passado a maior parte dos seus 31 anos a aprender precisamente a lidar com este tipo de situação, portanto, manteve-se firme.

— Só para esclarecer — disse ela, abrindo muito os olhos como se não acreditasse —, vocês viram os meus vídeos e agora acham que sou uma feiticeira *a sério?* Com magia *a sério?*

Santo Deus, esperemos que não. Primrose daria cabo dela.

— Sim — respondeu Ian, simplesmente. Aproximou-se dela, segurando-lhe no rosto para que ela o olhasse nos olhos. O seu olhar era sincero e amável, procurando o dela, implorando-lhe que confiasse nele. — Mika. Por favor.

Outra vez aquele *por favor*. Que merda.

— Está bem — disse Mika, recuando um pouco e mudando de estratégia. — Digamos, hipoteticamente, que as feiticeiras existem. Estão a dizer-me que as três crianças que moram nesta casa são feiticeiras?

— É *exatamente* isso que estamos a dizer.

— Não é possível — disse Mika.

Em primeiro lugar, as feiticeiras eram raras. Não era todos os dias que se tropeçava numa, quanto mais em *três*. E, em segundo lugar, três feiticeiras a viverem juntas era absolutamente *proibido*. Reconhecidamente, Primrose não era dona e senhora de todas as feiticeiras que alguma vez tinham existido, mas era velha, poderosa e, sobretudo, *persuasiva*. Nem pensar que ela permitiria que três jovens feiticeiras fossem criadas juntas na mesma casa.

A não ser que não soubesse da sua existência.

— Ian — disse Lucie, hesitante —, não me parece...

— Ah, desisto! — interrompeu Ian, atirando as mãos ao ar.
— Andar a contornar o assunto é demasiado exasperante. Mika, suponho que não queiras contar-nos a verdade até *nós te* contarmos a verdade. Muito bem. Ganhaste.

— Ian...

— Moram três crianças nesta casa — disse Ian com sinceridade, olhando Mika nos olhos. — As três são feiticeiras. Eu, o Jamie, o Ken, a Lucie sabemos que são feiticeiras. Sabemos que as feiticeiras existem. A Lillian disse-nos. Porque *ela é* uma feiticeira.

— *Ian* — protestou Lucie.

— Esperem lá — disse Mika, absolutamente desconcertada.
— A *Lillian é* uma feiticeira? A dona deste casarão? A arqueóloga que nunca está em casa?

— A própria.

— E *ela* falou-vos sobre feiticeiras?

Ian acenou entusiasticamente.

— Comprendes agora?

Os pensamentos de Mika atropelavam-se à medida que tentava fazer sentido daquela realidade. Fazia sentido, certo? Havia tanta magia ali que *só podia* tratar-se da casa de uma feiticeira, ou, neste caso, de várias feiticeiras. E a magia que sentira junto ao portão? E se o que sentira realmente fosse a presença de feitiços protetores, um conjunto de encantamentos de proteção colocados em redor da casa e do jardim, escondendo as crianças no seu interior? A própria Mika crescera na casa protegida de Primrose, um lugar onde os feitiços e os acidentes passavam despercebidos aos vizinhos, transeuntes e até a outras feiticeiras. E se os feitiços protetores da Casa de Nenhures fossem a razão pela qual Primrose não sabia da existência destas crianças?

Primrose saberia da existência de *Lillian*? Devia saber. Muito provavelmente, Lillian devia ser uma das feiticeiras que, a dada

altura, recusara o convite de Primrose para aderir ao grupo que *já* se chamaria Sociedade Muito Secreta de Feiticeiras.

— Não acreditas em mim — calculou Ian, perante o silêncio de Mika.

— Não é que *não* acredite — respondeu Mika, com prudência.

— Anda cá — disse Jamie bruscamente.

Imperturbável com o seu tom, Mika atravessou a cozinha em direção às portas envidraçadas e pôs-se ao seu lado. Jamie estava outra vez a olhar lá para fora. Mika acompanhou o seu olhar através do enorme e belo jardim rodeado por uma densa sebe e ondulantes dunas cobertas de urze. Um vívido campo de girassóis gigantes interrompia da fileira de sebes, para lá das quais havia um pequeno portão de madeira que, aparentemente, conduzia às dunas e ao mar.

Jamie não estava a olhar para o portão; estava a olhar para três meninas que brincavam numa casa numa árvore, no extremo oposto do jardim. Mika semicerrou os olhos para poder vê-las melhor. A mais velha, uma menina negra de longas pernas, pele castanha muito escura e grossos caracóis de cabelo preto apanhados num rabo de cavalo, não devia ter mais do que 10 ou 11 anos. Estava sentada com um livro no colo. As outras meninas pareciam mais novas, uma tinha pele de pêssego e um cabelo preto liso e brilhante até aos ombros, e a outra tinha uma trança malfeita de cabelo castanho-claro e pele morena e dourada, mais ou menos da mesma cor da de Mika.

O coração de Mika começou a bater um pouco mais depressa. Quando Ken lhe disse que Lillian adotara as crianças, ela assumira que teriam sido adotadas simultaneamente da mesma família, o que tornaria impossível que fossem feiticeiras. A não ser que fossem gémeas, o que era raro, as feiticeiras quase nunca tinham irmãs biológicas que também fossem feiticeiras. Era uma consequência inevitável de toda a situação da orfandade.

Porém, estas crianças *não* partilhavam nenhum grau de parentesco umas com as outras e, sobretudo, mesmo à distância a que se encontrava, Mika conseguia ver as inconfundíveis partículas de poeira dourada mágica em seu redor. O poder embalava-a, o chamamento das suas semelhantes, e ela teve de se segurar para resistir.

Oh, meu Deus. Elas *eram* mesmo...

— A mais velha chama-se Rosetta. — Jamie interrompeu os seus pensamentos tumultuosos com um tom ainda cortante e desconfiado. — Tem 10 anos. A Lillian encontrou-a em Londres quando tinha cerca de 3 meses, depois de os pais terem morrido num incêndio. A de cabelo preto liso é a Terracotta. Tem 8 anos. A Lillian encontrou-a numa pequena vila vietnamita quando tinha um ano. Os pais morreram por causa de uma febre que dizimou metade da vila, a mesma febre que estava a matar a sua avó quando a Lillian lá chegou. E a mais nova, Altamira, tem 7 anos. A Lillian encontrou-a nos destroços de um hospital palestiniiano pouco depois de ter nascido.

Mika tinha sentimentos contraditórios em relação a isto, sobretudo porque se parecia tanto com o que Primrose lhe havia feito, mas agora não era uma boa altura para ter essa conversa.

— Que nomes invulgares — observou.

Os outros tinham também assomado à porta, por isso, foi Lucie quem respondeu.

— A Lillian deu-lhes nomes de grandes descobertas arqueológicas.

— Pelo menos uma das crianças já devia ter nome quando a Lillian as encontrou — salientou Mika. Era o seu caso. Não sabia que nome tinha, apenas que não tinha nascido com o apelido Moon. — Mencionaste que a Terracotta já tinha 1 ano quando a Lillian a encontrou.

— Ela não queria que ninguém as descobrisse, tendo em conta o que elas são.

— Como podem estar tão seguros de elas serem feiticeiras? Apenas porque a Lillian disse que eram?

Não foi preciso ninguém responder, pois, nesse preciso momento, enquanto Mika olhava para as três meninas na sua casa na árvore, viu a mais nova aproximar-se da escada de corda. No momento em que o pé da criança tocou na escada, esta irrompeu em labaredas verdes e brilhantes.

MIKA ENCONTROU A MAGIA NO LUGAR MAIS INESPERADO

Mika Moon aprendeu desde cedo a esconder a sua magia, tentando passar despercebida e mantendo-se afastada das outras feiticeiras, para que os seus poderes não atraíssem atenções indesejadas. Depois de perder os pais quando era muito pequena, foi criada por uma série de amas e preceiros, pelo que se habituou a cumprir regras e a passar a maior parte do tempo sozinha, a não ser nas reuniões esporádicas da Sociedade de Feiticeiras.

Até ao dia em que recebe uma mensagem com um pedido de ajuda: viajar até à misteriosa Casa de Nenhures, onde deverá ensinar três pequenas feiticeiras a controlar os seus poderes. Apesar de saber que está a quebrar todas as regras da Sociedade, Mika decide aceitar a proposta e acaba enredada na vivência extraordinária dos residentes, incluindo Jamie, um bibliotecário atraente e rabugento que a vê como uma ameaça à segurança das crianças.

Com o passar do tempo, Mika começa a sentir uma sensação de pertença, mas, quando a tranquilidade da Casa de Nenhures é ameaçada, ela terá de decidir se quer mesmo arriscar tudo para proteger o seu novo lar.

«Um romance singular recheado de personagens peculiares e adoráveis que irão encantar até o leitor mais rabugento.»

THE WASHINGTON POST



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

@topseller.suma

penguinlivros

ISBN 9789897873027



9 789897 873027 >